



A insegurança alimentar como fator determinante no desenvolvimento infantil

Food insecurity as a determining factor in child development

Camilla Moreira de Albuquerque¹, Maria Clara Ferreira da Nóbrega², Milene Lima de Sousa Xavier³, Francisco Ricardo Resende da Nóbrega⁴ e Sandy Ferreira Martins⁵

¹Acadêmica do Curso de Nutrição pela Faculdade Gilgal, Sousa, Paraíba. E-mail: camillamoreiraabq@gmail.com;

²Acadêmica do Curso de Nutrição pela Faculdade Gilgal, Sousa, Paraíba. E-mail: mariaclarafrnobre@gmail.com;

³Acadêmica do Curso de Nutrição pela Faculdade Gilgal, Sousa, Paraíba. E-mail: milenys637@gmail.com;

⁴Nutricionista Especialista em Obesidade e Emagrecimento: UGF-SP; Mestrando em Gestão e Sistemas Agroindustriais - UFCG-PB; Professor de Nutrição da Faculdade Gilgal, Sousa, Paraíba. E-mail: ricardoresendenutri@gmail.com;

⁵Nutricionista Especialista em Nutrição Clínica e Esportiva, Mestre em Ciências da Nutrição pela UFPB e Professor de Nutrição da Faculdade Gilgal, Sousa, Paraíba. E-mail: nutricionistasandy@gmail.com.

Resumo

Introdução: Este estudo analisa os impactos da insegurança alimentar no desenvolvimento infantil, considerando que a falta de acesso regular a alimentos adequados compromete a saúde física, emocional e cognitiva das crianças, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. O agravamento desse cenário no Brasil após 2015, acentuado pela pandemia de COVID-19, tornou ainda mais urgente a compreensão do tema. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura com base em estudos publicados entre 2013 e 2025, selecionados a partir de critérios específicos em bases de dados especializadas. A análise focou em pesquisas que abordam os efeitos da insegurança alimentar no crescimento físico, aprendizado e saúde mental de crianças. **Conclusão:** Os resultados evidenciam que a insegurança alimentar está associada ao atraso no crescimento, dificuldades escolares, sofrimento emocional e tensões familiares, afetando o desenvolvimento infantil de forma ampla e profunda. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas eficazes que garantam não apenas o direito à alimentação, mas também o suporte necessário ao desenvolvimento integral das crianças. Destaca-se, ainda, a importância de aprofundar a produção científica sobre o tema, promovendo ações intersetoriais voltadas à superação das desigualdades e à construção de um futuro mais justo para a infância brasileira.

Palavras-chave: Saúde pública; Desempenho cognitivo; Vulnerabilidade; desigualdade social.

Abstract

Introduction: This study analyzes the impacts of food insecurity on child development, considering that the lack of regular access to adequate food compromises children's physical, emotional, and cognitive health, especially in contexts of social vulnerability. The worsening of this scenario in Brazil after 2015, intensified by the COVID-19 pandemic, made understanding the topic even more urgent. **Methodology:** A literature review was conducted based on studies published between 2013 and 2024, selected according to specific criteria from specialized databases. The analysis focused on research addressing the effects of food insecurity on children's physical growth, learning, and mental health. **Conclusion:** The results show that food insecurity is associated with growth delays, school difficulties, emotional distress, and family tensions, affecting child development in a broad and profound way. The study reinforces the need for effective public policies that ensure not only the right to food but also the necessary support for the integral development of children. It also highlights the importance of deepening scientific research on the subject, promoting intersectoral actions aimed at overcoming inequalities and building a fairer future for Brazilian children.

Keywords: Public health; Cognitive performance; Vulnerability; Social inequality.



1. Introdução

Ter acesso constante a alimentos seguros, em quantidade e qualidade adequadas, é um direito fundamental (Guerra et al., 2019). Quando esse direito é violado, surgem consequências sérias para as famílias, especialmente para as crianças, que podem ter seu desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo prejudicado mesmo quando a situação não está diretamente ligada à pobreza extrema (Gallegos et al., 2021).

A insegurança alimentar (IA) se manifesta através de diversos indicadores, como fome, desnutrição, deficiências nutricionais, obesidade e problemas de saúde decorrentes de uma dieta precária (Stavski et al., 2022). A classificação do nível de IA no Brasil é realizada com base na Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), que divide as famílias em quatro níveis (segurança alimentar, insegurança leve, insegurança moderada e insegurança grave) de acordo com a quantidade de respostas afirmativas às 14 questões que fazem parte da escala, considerando também se há ou não algum residente menor de 18 anos no domicílio (Jesus et al., 2023).

Crianças que vivem em situação de insegurança alimentar correm maior risco de apresentar atrasos no crescimento, como estatura abaixo do esperado para a idade. Esse tipo de comprometimento físico é um sinal de que o desenvolvimento geral da criança pode estar sendo prejudicado. Além dos impactos no corpo, essas condições adversas também podem afetar o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de aprendizagem, especialmente quando ocorrem de forma prolongada ou em contextos de vulnerabilidade social (Santos; Gigante, 2013).

Resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) em 2018 apresentaram um problema que há tempos preocupa o Brasil: a qualidade de educação básica ainda está muito aquém do ideal. Quase metade dos estudantes brasileiros avaliados teve desempenho abaixo do nível mínimo esperado em leitura, matemática e ciências — um contraste marcante com a média dos países da Organização e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (Deus; Silva, 2023).

É reconhecido que crianças que enfrentam restrições no crescimento ainda no útero ou passam por desnutrição nos primeiros anos tendem a ter dificuldades escolares, maior chance de evasão, envolvimento com comportamentos de risco e desempenho intelectual abaixo do esperado. Por isso, é fundamental assegurar uma alimentação equilibrada, desenvolvimento físico adequado e estímulos desde cedo, garantindo que cada criança tenha a oportunidade de atingir seu potencial completo (Claro et al., 2022).



Depois de anos de avanços, quando o país conseguiu reduzir a IA e sair do Mapa da Fome da ONU em 2014, a situação começou a piorar novamente a partir de 2015. A crise política e econômica, o enfraquecimento de políticas públicas contra a fome (Ávila et al., 2024) e a pandemia em 2020 de Covid-19, fez muitas famílias perderem sua renda e caíram em situação de insegurança alimentar. O problema não está na produção de alimentos, mas no acesso a eles (Costa, 2023). Quando os preços sobem mais que os rendimentos, a fome se torna inevitável para milhões (Bezerra et al., 2017).

Diante deste contexto complexo, o presente estudo visa sistematizar as evidências científicas sobre como a insegurança alimentar afeta o desenvolvimento infantil em suas múltiplas dimensões. A revisão proposta busca compreender não apenas os mecanismos biológicos envolvidos, mas também os impactos psicossociais que comprometem o pleno desenvolvimento das crianças em situação de vulnerabilidade alimentar.

A compreensão dessas relações é fundamental para a formulação de intervenções precoces e efetivas que garantam não apenas o direito humano à alimentação adequada, mas também as condições necessárias para o pleno desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas e emocionais das crianças brasileiras.

2. Referencial teórico

2.1 Insegurança alimentar e fatores agravantes

A Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN) é caracterizada pela dificuldade de acesso contínuo e adequado a alimentos de qualidade e em quantidade necessária, sem prejudicar outras necessidades básicas (Gomes et al., 2024). Fatores como baixa escolaridade, renda familiar per capita reduzida e condições precárias de infraestrutura urbana estão significativamente associados à insegurança alimentar domiciliar leve e moderada/grave (Coutinho et al., 2022).

Segundo a FAO (1996), segurança alimentar ocorre quando “todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico e econômico a alimentos suficientes, seguros e nutritivos que satisfaçam as suas necessidades alimentares e preferências para uma vida ativa e saudável”. É evidente que milhões de brasileiros não vivem essa realidade, mas sim em situação de insegurança alimentar. E isso não acontece por falta de produção de alimentos no país, nem por ausência de produtos a preços acessíveis ou por dificuldades na distribuição.

O problema principal é que essas pessoas não possuem acesso adequado aos alimentos, geralmente por não terem renda suficiente para adquiri-los (Jesus et al., 2023). A insegurança



alimentar, tem sido ligada a padrões alimentares pouco saudáveis. Estudos identificam que crianças de lares com IA consumiam porções menores de cereais, vegetais, frutas, carnes, ovos e laticínios. Por outro lado, foi observado um maior consumo de alimentos calóricos e com baixo valor nutricional, quando comparadas às crianças de famílias com segurança alimentar (Ruschel et al., 2016).

Produtos mais saudáveis costumam ter um preço mais alto e estragam com mais facilidade, enquanto opções mais baratas, como alimentos ultraprocessados, ricos em açúcares e gorduras, acabam sendo a alternativa mais acessível em regiões de baixa renda. Fator que pode contribuir para o aumento dos casos de obesidade em crianças e adultos nos locais em que famílias tem acesso restrito a alimentos de fato nutritivos (Kral et al., 2017).

A IA costuma atingir principalmente as populações mais vulneráveis. Entre as consequências mais comuns estão o aumento da mortalidade infantil, prejuízos no crescimento e no desenvolvimento mental, baixo peso ao nascer, complicações maternas, além da maior chance de baixo rendimento escolar. Esses problemas estão ligados à falta de alimentos adequados, resultado de dificuldades financeiras e limitações no acesso a serviços básicos. Diversos estudos também mostram que a IA tem relação direta com a piora no estado nutricional das crianças (Ramalho et al., 2020).

Durante o período da gestação, a mulher necessita de demandas nutricionais da mulher maiores, pois a falta de uma alimentação adequada pode elevar o risco de desnutrição, além de favorecer o crescimento insuficiente do feto. Essas condições acabam sendo fatores importantes para o surgimento de doenças e até mesmo de mortes em crianças com menos de cinco anos (Karbin et al., 2021).

A IA pode passar de geração em geração, afetando a forma como as crianças aprendem sobre os alimentos, como escolhem e como ajudam a preparar as refeições. Em muitos casos, há uma preferência por alimentos que dão maior sensação de saciedade, geralmente mais calóricos, ao invés de alimentos mais nutritivos. Por isso, ações para melhorar a alimentação de famílias que vivem nessa realidade, e que muitas vezes enfrentam uma rotina desorganizada, precisam de estratégias diferentes dos habituais, indo além de simplesmente insistir para que as crianças experimentem os alimentos várias vezes (Baxter et al., 2022).



2.2 Desenvolvimento infantil

A casa é o primeiro lugar onde a criança começa a estimular o desenvolvimento motor, com a ajuda de pais e cuidadores por meio de brincadeiras e interação. Esses estímulos favorecem tanto a coordenação quanto o desenvolvimento cognitivo e social. Porém, quando o ambiente não oferece condições adequadas, o risco de atraso no desenvolvimento de bebês de 3 a 11 meses aumenta (Pacheco et al., 2024).

A IA prejudica o desenvolvimento infantil ao causar dietas inadequadas, desnutrição e estresse, especialmente nos primeiros 1.000 dias de vida. Pesquisas feitas em países de baixa e média renda, como Colômbia, Bangladesh e Etiópia, mostram ligação entre IA, baixo crescimento físico e atrasos no desenvolvimento. Há evidências de que grande parte desses prejuízos acontece até os 2 anos de idade e que o crescimento comprometido pode afetar até a geração seguinte (Milner et al., 2017).

Crianças em situação de IA tendem a enfrentar mais problemas tanto na saúde mental quanto social, como sintomas de depressão e dificuldades no desempenho escolar. Além disso, é comum a maior ocorrência de hospitalizações e visitas a serviços de emergência, o que acaba aumentando os custos para a saúde pública (Dana et al., 2025). Ter esses problemas ainda na infância aumenta as chances de desenvolver transtornos de saúde mental na fase adulta (Cain et al., 2022).

Entre os principais riscos nutricionais que podem afetar o desenvolvimento infantil estão: alimentação de baixa qualidade e falta de micronutrientes na gestação; atraso no início ou ausência da amamentação exclusiva; carência de nutrientes importantes como vitamina A, ferro, zinco e iodo; além de problemas como baixo peso ao nascer, parto prematuro, bebê pequeno para a idade gestacional e episódios de desnutrição, tanto aguda quanto crônica, nos primeiros dois anos de vida (Claro et al., 2022).

A IA pode trazer prejuízos em todas as fases da vida (Bastian et al., 2022), mas seus efeitos não atingem todas as crianças da mesma maneira. Embora muitos estudos analisem o impacto médio da IA, como se todas fossem igualmente afetadas, pesquisas mais recentes mostram que as consequências para o desenvolvimento cognitivo e social podem ser ainda mais intensas em meninas. Isso indica que o impacto da IA, varia de acordo com o perfil de cada criança, sendo importante considerar essas diferenças ao pensar em ações de combate ao problema (Hobbs et al., 2018).

Por isso, é fundamental assegurar que as crianças dessa idade tenham uma alimentação regular e suficiente. Vivenciar falta de comida ou situações de fome nessa etapa da vida pode trazer sérias



consequências para a saúde, o crescimento e o desenvolvimento neuropsicomotor, afetando inclusive o futuro dessas crianças como cidadãos (Poblacion et al., 2014).

2.3 Consequências emocionais e comportamentais

Uma revisão sistemática mais recente mostrou que a IA está relacionada a problemas como depressão, alterações de comportamento (como agressividade ou isolamento) e hiperatividade em crianças (Dean et al., 2023). Também foi visto uma queda na qualidade do cuidado oferecido pelos pais às crianças, que tem sido ligada, principalmente, à presença de Transtornos Mentais Comuns (TMC) como depressão, transtorno bipolar, transtorno de ansiedade e transtorno do pânico, que são consequências da IA (Sousa et al., 2019).

A insegurança alimentar em crianças também está ligada ao risco de desenvolver distúrbios alimentares, asma e pior estado geral de saúde. Por esse motivo, tendem a apresentar mais dores de cabeça, problemas respiratórios e maior frequência de idas à emergência (McCarthy et al., 2023). Além disso, a IA é estressante e afeta o lado emocional e social da criança, prejudicando a forma como ela controla suas emoções e seu comportamento, podendo até dificultar as relações com outras pessoas (Oliveira et al., 2020).

A insegurança alimentar vem sendo muito pesquisada por causa dos danos que pode deixar na saúde infantil ao longo dos anos. Como os primeiros anos de vida são uma fase de maior fragilidade, passar por essa situação pode aumentar bastante o risco de surgirem dificuldades emocionais e psicológicas no futuro (Ghadban et al., 2025).

A dúvida sobre quando será a próxima refeição, o medo de não conseguir manter alimentos em casa e a falta de condições para comprar comida suficiente são fatores que aumentam o estresse em quem vive com IA. Além disso, a dificuldade de conseguir alimentos de forma digna, sem precisar recorrer a meios humilhantes, costuma gerar sentimento de culpa, vergonha, impotência e exclusão social (Rahi et al., 2025).

3. Metodologia

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão da literatura, com o objetivo de sistematizar e analisar evidências científicas sobre os impactos da insegurança alimentar no desenvolvimento infantil. A abordagem metodológica adotada permitiu mapear as principais



contribuições acadêmicas sobre o tema, identificando tanto os efeitos imediatos quanto as consequências a longo prazo para crianças em situação de vulnerabilidade nutricional.

A pesquisa foi guiada pela seguinte questão norteadora: "Quais são os principais impactos da insegurança alimentar no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional de crianças?". Para respondê-la, buscou-se estudos que explorassem a relação entre privação alimentar e prejuízos no crescimento, aprendizagem e saúde mental infantil.

As buscas foram conduzidas em bases de dados especializadas em saúde pública e desenvolvimento humano, incluindo SciELO, PubMed, Lilacs e Google Academico. As palavras-chave empregadas foram: "insegurança alimentar", "desenvolvimento infantil", "desnutrição", "cognição" e "saúde mental", em português, inglês e espanhol.

Foram incluídos artigos publicados entre 2013 e 2025, disponíveis na íntegra e que abordassem diretamente a relação entre insegurança alimentar e desenvolvimento infantil. Excluíram-se estudos repetidos, pesquisas com foco exclusivo em adultos ou que não apresentassem dados relevantes para a questão central.

A seleção dos artigos seguiu três etapas: triagem por título, eliminando publicações claramente fora do escopo; análise de resumos, para verificar aderência aos critérios; leitura integral dos textos pré-selecionados, com extração de dados sobre desfechos físicos, cognitivos, emocionais e políticos.

O corpus final foi composto por 34 artigos, cuja análise crítica permitiu identificar padrões e lacunas no conhecimento atual sobre o tema. A síntese dos resultados priorizou estudos longitudinais e meta-análises, garantindo robustez às conclusões apresentadas.

4. Considerações Finais

A realidade da insegurança alimentar na infância revela mais do que a ausência de comida no prato: ela revela uma rede de vulnerabilidades que compromete o desenvolvimento das crianças em múltiplas dimensões. Quando o alimento falta, o corpo sente, mas é na mente e no afeto que os efeitos mais profundos e duradouros se instalam (Santos et al., 2023).

Nos primeiros anos de vida, a nutrição adequada é um dos pilares para o desenvolvimento saudável do cérebro e das habilidades motoras e cognitivas. A privação nessa fase crítica pode atrasar o aprendizado, prejudicar o comportamento e afetar a capacidade de se relacionar com o mundo ao redor (Rocha et al., 2022). Crianças que crescem em ambientes marcados pela escassez



frequentemente enfrentam mais dificuldades na escola e apresentam sinais precoces de sofrimento emocional (Ferreira et al., 2020).

Além disso, a falta de segurança alimentar costuma vir acompanhada de tensão dentro de casa. A angústia diária de pais e responsáveis por não saber se haverá o suficiente para alimentar seus filhos interfere diretamente na qualidade das relações familiares. Esse clima de insegurança afeta o bem-estar das crianças de maneira silenciosa, mas profunda (Rede PENSSAN, 2022).

Durante a pandemia de COVID-19, esse cenário se agravou de forma expressiva. Famílias que antes já viviam no limite passaram a enfrentar a fome com mais frequência e intensidade. Dados recentes mostram que, nesse período, mais da metade da população brasileira esteve em alguma condição de insegurança alimentar — e as famílias com crianças pequenas foram as mais atingidas (Rede PENSSAN, 2022).

O estudo ENANI-2019 também chama atenção para um dado alarmante: cerca de 6% das crianças brasileiras com menos de cinco anos vivem em lares onde já se passou fome. Esse número representa muito mais do que uma estatística — ele reflete infâncias interrompidas, potencialidades ameaçadas e direitos básicos violados (UFRJ, 2021).

Diante de uma realidade tão dura, é preciso reafirmar a urgência de políticas públicas que garantam comida na mesa e dignidade na vida. Isso envolve fortalecer programas de renda, investir em educação nutricional e criar redes de apoio capazes de proteger e promover o desenvolvimento infantil de forma integral. Cuidar da alimentação das crianças é cuidar do futuro do país — e esse cuidado precisa ser contínuo, articulado e comprometido com a justiça social (Santos et al., 2023; Rede PENSSAN, 2022).

Referências

ÁVILA, C. N. et al. Associação entre insegurança alimentar e desenvolvimento infantil aos 18 meses do lactente na zona urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 40, n. 12, p. e00198023, 2024.

BASTIAN, A.; PARKS, C.; YAROCH, A.; McKAY, F. H.; STERN, K.; VAN DER PLIGT, P.; McNAUGHTON, S. A.; LINDBERG, R. Factors associated with food insecurity among pregnant women and caregivers of children aged 0–6 years: a scoping review. *Nutrients*, v. 14, n. 12, p. 2407, jun. 2022.

BAXTER, K. A.; NAMBIAR, S.; SO, T. H. J.; GALLEGOS, D.; BYRNE, R. Parental feeding practices in families experiencing food insecurity: a scoping review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 9, p. 5604, maio 2022.



BERRA, W. G. Household food insecurity predicts childhood undernutrition: a cross-sectional study in West Oromia (Ethiopia). *Journal of Environmental and Public Health*, v. 2020, p. 5871980, mar. 2020.

BEZERRA, Thaise Alves; OLINDA, Ricardo Alves de; PEDRAZA, Dixis Figueroa. Insegurança alimentar no Brasil segundo diferentes cenários sociodemográficos. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 637–651, fev. 2017.

CAIN, K. S.; MEYER, S. C.; CUMMER, E.; PATEL, K. K.; CASACCHIA, N. J.; MONTEZ, K.; PALAKSHAPPA, D.; BROWN, C. L. Association of food insecurity with mental health outcomes in parents and children. *Academic Pediatrics*, v. 22, n. 7, p. 1105–1114, set./out. 2022.

CAMPOS, Lúvia; ANDRADE, Felipe; MAGALHÃES, Camila; et al. Insegurança alimentar e nutricional e os comportamentos de risco e proteção para saúde em adolescentes durante a pandemia de covid-19. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 141, abr.– jun. 2024.

CLARO, M. de L.; SOUSA, A. F. de; NOBRE, R. de S.; LIMA, L. H. de O. Child development as an intermediate element of food and nutrition in public policies. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 22, n. 3, p. 715–720, 2022.

COSTA, Ana Elise Lopes. Consequências da insegurança alimentar no desenvolvimento infantil [Trabalho de Conclusão de Curso – Enfermagem]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2023.

COUTINHO, Giselle Ramos; SANTOS, Sandra Maria Chaves dos; GAMA, Cíntia Mendes; SILVA, Silvana Oliveira da; SANTOS, Maria Elisabete Pereira dos; SILVA, Natanael de Jesus. Fatores demográficos e socioambientais associados à insegurança alimentar domiciliar nos diferentes territórios da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 11, e00280821, 2022.

DANA, L. M.; RAMOS-GARCÍA, C.; KERR, D. A.; FRY, J. M.; TEMPLE, J.; POLLARD, C. M. Social vulnerability and child food insecurity in developed countries: a systematic review. *Advances in Nutrition*, v. 16, n. 2, p. 100365, fev. 2025.

DEAN, G.; VITOLINS, M. Z.; SKELTON, J. A.; IP, E. H.; LUCAS, C. B.; BROWN, C. L. The association of food insecurity with mental health in preschool-aged children and their parents. *Pediatric Research*, v. 94, n. 1, p. 290–295, jul. 2023.

DEUS, Caroline de; SILVA, Maria Micheliana da Costa. A atuação de nutricionistas no PNAE e seus efeitos sobre o desempenho escolar. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 411–455, 2023.

FERREIRA, Cássio Marçal et al. Associação entre insegurança alimentar e desenvolvimento infantil aos 18 meses do lactente na zona urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 12, e00221823, 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Policy brief: food security – concept note. Roma: FAO Agricultural and Development Economics Division, jun. 2006.



GALLEGOS, Danielle; EIVERS, Areana; SONDERGELD, Peter; PATTINSON, Cassandra. Food insecurity and child development: A state-of-the-art review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 18, n. 17, p. 8990, ago. 2021.

GHADBAN, E.; FEKIH-ROMDHANE, F.; KHACHAN, J.; RIZK, M.; GHADBANE, C.; MOUANESS, C.; CHEHWAN, T.; EL AAM, M.; OBEID, S.; HALLIT, S. The relationship between household food insecurity and quality of life among children aged 7–13 years: effects of parent-reported disordered eating, anxiety and depression. *BMC Public Health*, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 1008, 14 mar. 2025.

GOMES, C. S. et al. Insegurança alimentar e nutricional e os comportamentos de risco e proteção para saúde em adolescentes durante a pandemia de covid-19. *Saúde em Debate*, v. 48, n. 141, p. e8373, abr. 2024.

GUERRA, Lúcia Dias da Silva; CERVATO-MANCUSO, Ana Maria; BEZERRA, Aída Couto Dinucci. Alimentação: um direito humano em disputa – focos temáticos para compreensão e atuação em segurança alimentar e nutricional. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.l.], v. 24, n. 9, p. 3369–3394, 2019.

HOBBS, S.; KING, C. The unequal impact of food insecurity on cognitive and behavioral outcomes among 5-year-old urban children. *Journal of Nutrition Education and Behavior*, v. 50, n. 7, p. 687–694, 2018.

JESUS, J. G. de; HOFFMANN, R.; MIRANDA, S. H. G. Insegurança alimentar, pobreza e distribuição de renda no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 62, n. 4, e281936, 2024.

KARBIN, K.; KHORRAMROUZ, F.; FARKHANI, E. M.; SOBHANI, S. R.; MOSALMANZADEH, N.; SHAHRIARI, Z.; RANJBAR, G. Household food insecurity during pregnancy as a predictor of anthropometric indices failures in infants aged less than 6 months: a retrospective longitudinal study. *Public Health Nutrition*, v. 25, n. 4, p. 1005–1012, abr. 2022.

KRAL, T. V. E.; CHITTAMS, J.; MOORE, R. H. Relationship between food insecurity, child weight status, and parent-reported child eating and snacking behaviors. *Journal of Specialist in Pediatric Nursing*, v. 22, n. 2, p. e12177, abr. 2017.

McCARTHY, M.; VITOLINS, M. Z.; SKELTON, J. A.; IP, E. H.; BROWN, C. L. A pilot study examining the association of parental stress and household food insecurity with dietary quality in pre-school-aged children. *Nutrients*, Basel, v. 15, n. 14, p. 3154, 14 jul. 2023.

MILNER, E. M.; FIORELLA, K. J.; MATTAH, B. J.; BUKUSI, E.; FERNALD, L. C. H. Timing, intensity, and duration of household food insecurity are associated with early childhood development in Kenya. *Maternal and Child Nutrition*, v. 14, n. 2, p. e12543, abr. 2018.

OLIVEIRA, K. H. D. de; ALMEIDA, G. M. de; GUBERT, M. B.; MOURA, A. S.; SPANIOL, A. M.; HERNANDEZ, D. C.; PÉREZ-ESCAMILLA, R.; BUCCINI, G. Household food insecurity and early childhood development: systematic review and meta-analysis. *Maternal and Child Nutrition*, [S.l.], v. 16, n. 3, e12967, jul. 2020.



- PACHECO, T. F.; PAULA, C. C. de; TAMPLAIN, P.; MUÑOZ, J. A. O.; RODRIGUES, A. L.; PADOIN, S. M. de M. Oportunidades domiciliares para o desenvolvimento motor de lactentes verticalmente expostos ao HIV. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 37, eAPE01496, 2024.
- POBLACION, A. P.; MARÍN-LEÓN, L.; SEGALL-CORRÊA, A. M.; SILVEIRA, J. A.; TADDEI, J. A. de A. C. Insegurança alimentar em domicílios brasileiros com crianças menores de cinco anos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 30, n. 5, p. 1067–1078, 2014.
- RAHI, B.; AL MASHHARAWI, F.; HARB, H.; EL KHOURY-MALHAME, M.; MATTAR, L. Food insecurity and coping mechanisms: impact on maternal mental health and child malnutrition. *Nutrients*, Basel, v. 17, n. 2, p. 330, 17 jan. 2025.
- RAMALHO, A. A.; HOLANDA, C. M.; MARTINS, F. A.; RODRIGUES, B. T. C.; AGUIAR, D. M.; ANDRADE, A. M.; KOIFMAN, R. J. Food insecurity during pregnancy in a maternal-infant cohort in Brazilian Western Amazon. *Nutrients*, v. 12, n. 6, p. 1578, maio 2020.
- RUSCHEL, L. F.; HENN, R. L.; BACKES, V.; MELO, P. de; MARQUES, L. A. da S.; OLINTO, M. T. A. Insegurança alimentar e consumo alimentar inadequado em escolares da rede municipal de São Leopoldo, RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 7, p. 2275–2286, 2016.
- SANTOS, Leonardo Pozza dos; GIGANTE, Denise Petrucci. Relationship between food insecurity and nutritional status of Brazilian children under the age of five. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Campinas, v. 16, n. 4, p. 984–994, dez. 2013.
- SOUSA, S. Q. de; LÔBO, I. K. V.; CARVALHO, A. T. de; VIANNA, R. P. de T. Associação entre risco de transtornos mentais comuns e insegurança alimentar entre mães com filhos menores de um ano de idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 5, p. 1925–1934, 2019.
- STAVSKI, Michele; MONTEIRO, Flávia; RETONDARIO, Anabelle. Insegurança alimentar em crianças que frequentam creches públicas em Ponta Grossa, PR. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, v. 29, p. e022003, mai. 2022.